

Um olhar sobre as práticas de retextualização em quatro escolas do estado do Pará

Alana de Paiva COSTA¹
Iara Maria Sousa da CRUZ²
Jayna Karolyne de Souza SANTOS³
Victor Diogo da Silva CARDOSO⁴

Resumo: Escolhemos o tema retextualização como objeto de análise do presente artigo, a fim de buscar respostas às seguintes questões norteadoras: 1. Será que o professor utiliza a retextualização em suas aulas? 2. O professor trabalha os gêneros textuais visando desenvolver as atividades de retextualização? 3. A abordagem, em sala de aula, sobre retextualização está sintonizada com o conteúdo programático e o Projeto Político Pedagógico? Para respondê-las, traçamos um objetivo geral e dois específicos, são eles respectivamente: 1. verificar se o professor utiliza didaticamente a retextualização em suas aulas; 2(a). identificar como o professor trabalha os gêneros textuais; 2(b). analisar se o conteúdo programático e o Projeto Político Pedagógico das escolas privilegiam o processo de retextualização. Como referencial teórico, utilizamos as reflexões dos estudiosos: Andrade e Silva (s/d), Dell 'Isola (2007), Marcuschi (2008) e Matencio (2002). Adotamos como metodologia a pesquisa de natureza qualitativa. Seleccionamos duas escolas públicas e duas escolas particulares para a realização deste trabalho, além de quatro professores de língua portuguesa, acerca dos quais fizemos observações, entrevistas e análises documentais. A partir da análise dos dados, percebemos que dois professores desconheciam o tema retextualização; nenhum possuía planos de aula e dois eram provenientes de escolas que ignoravam conteúdos programáticos e o Projeto Político Pedagógico. Com esta pesquisa foi possível compreender que o professor, seja de escola pública ou particular, precisa ampliar seus conhecimentos por meio de formação continuada e a leitura de autores que tratem, de forma efetiva, do tema retextualização.

Palavras-Chave: Ensino; Retextualização; Texto.

Abstract: We chose the theme retextualization as the object of analysis of this article, in order to seek answers to the following guiding questions: 1. Is the teacher uses the retextualization in their classes? 2. The teacher works the genres in order to develop the activities of retextualization? 3. The approach in the classroom, on retextualization is attuned to the curriculum and the Pedagogical Political Project? To answer them, we draw a general objective and two specific, they are respectively: 1. Check if the teacher didactically uses retextualization in their classes; 2 (a). identify how the teacher works the genres; 2 (b). analyze whether the curriculum and the Pedagogical Political Project of the schools emphasize the retextualization process. As a theoretical reference, we use the reflections of scholars: Andrade e Silva (s / d), Dell 'Isola (2007), Marcuschi (2008) and Matencio (2002). We adopted as methodology the qualitative research. We selected two public schools and two private schools

1 Graduanda da Universidade do Estado do Pará. Belém-PA. Correio eletrônico: alanacostap@gmail.com.

2 Graduanda da Universidade do Estado do Pará. Belém-PA. Correio eletrônico: iara.993@gmail.com.

3 Graduanda da Universidade do Estado do Pará. Belém-PA. Correio eletrônico: jaynakarolyne@gmail.com.

4 Graduando da Universidade do Estado do Pará. Belém-PA. Correio eletrônico: vcardoso95@gmail.com.

for this work, as well as four Portuguese-speaking teachers, about which we have made observations, interviews and documentary analysis. From the data analysis, we realized that two teachers were unaware of the topic retextualization; none had lesson plans and two were from schools that ignored syllabus and the Pedagogical Political Project. This research was possible to understand the teacher, whether public or private school, need to expand their knowledge through continuing education and reading authors that deal, effectively, theme retextualization.

Keywords: Education; Retextualization; Text.

Introdução

Ao ingressarmos no Curso de Letras, percebemos o quanto o processo de retextualização é imprescindível no tocante à formação do aluno no ensino fundamental e médio. Sentimos, pois, dificuldades, dentro do âmbito acadêmico, quando nossos mestres solicitaram atividades que consistiam em transformar uma modalidade textual em outra, como a transformação do gênero artigo para o resumo, devido à falta de prática na escolarização anterior. Nesse sentido, os professores devem conduzir seus "alunos a desenvolverem a capacidade de compreender o comportamento dos setores de nossa sociedade através dos textos que ela produz e consome" (DELL `ISOLA, 2007, p. 40). Em outras palavras, o incentivo à produção textual que faz uso do processo de transformação dos diversos gêneros textuais, presentes em nossa sociedade, contribui de modo significativo para a atuação social do indivíduo, visto que é por meio desses textos que se enfrenta uma determinada realidade social.

Retextualizar é o ato de transformar uma modalidade textual em outra, utilizando operações complexas e de acordo com o funcionamento da linguagem. Trata-se de um processo que requer treino e habilidade para se alcançar a prática. Melhor dizendo, retextualizar não é um processo mecânico, mas cotidiano. A partir dessa perspectiva de uso da linguagem verbal, ressaltamos que há quatro possibilidades de retextualização: da fala para a escrita, da fala para a fala, da escrita para a escrita e da escrita para a oralidade. Estas possibilidades demonstram a riqueza de se trabalhar tal processo em sala de aula, pois é possível retextualizar receitas culinárias, histórias em quadrinhos, programas de televisão e muitos outros gêneros.

A ausência de um trabalho sistemático, por parte do professor, não tem apenas prejudicado a formação de indivíduos produtores de

textos, mas também a formação de atuantes sociais, pois retextualizar proporciona, aos usuários de qualquer língua, as habilidades de compreensão e reflexão. É importante enfatizar que a retextualização está entrelaçada aos processos neurofuncionais e psicolinguísticos, visto que estes influenciam na aquisição e na prática geral da escrita do indivíduo, fato que corrobora o desenvolvimento cognitivo do ser humano. Em virtude disso, supomos que os professores não utilizam tal processo por desconhecimento ou, ainda, por acharem que o tema é irrelevante para ser desenvolvido em sala de aula.

Escolhemos o processo de retextualização de gênero como objeto de análise do presente artigo, a fim de trazer à tona uma reflexão sobre a ausência dessa prática em sala de aula. Como metodologia, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, pois este modelo investigativo proporciona a vivência de “uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para maior compreensão dos fenômenos” (NEVES, 1996, p. 2). A prática de retextualização foi verificada por meio de observações, entrevistas e análises documentais direcionadas aos professores e às escolas nas quais estes trabalhavam.

Em nossa análise, priorizamos os assuntos que os professores mobilizaram nas suas aulas, bem como seus conhecimentos acerca da prática de retextualização, com a finalidade de buscar respostas às seguintes perguntas da pesquisa: 1. Será que o professor utiliza a retextualização em suas aulas? 2. O professor trabalha os gêneros textuais visando desenvolver as atividades de retextualização? 3. A abordagem, em sala de aula, sobre retextualização está sintonizada com o conteúdo programático e o Projeto Político Pedagógico? Para respondê-las, traçamos um objetivo geral e dois específicos, que são, respectivamente: 1. verificar se o professor utiliza didaticamente a retextualização em suas aulas; 2(a). identificar como o professor trabalha os gêneros textuais; 2(b). analisar se o conteúdo programático e o Projeto Político Pedagógico das escolas privilegiam o processo de retextualização.

Este artigo está dividido em dois momentos. No primeiro, trataremos da discussão teórica acerca da temática, a fim de fundamentar a nossa análise, a qual terá como base as reflexões sobre o processo de retextualização e suas práticas investigadas por

estudiosos, como: Andrade e Silva (s/d), Dell 'Isola (2007), Marcuschi (2008) e Matencio (2002). No segundo momento, apresentaremos a natureza do estudo, seu local de pesquisa, as fontes de informação e as categorias de análise. Em seguida, analisaremos o *corpus* e, por fim, faremos algumas considerações sobre o que foi observado nessa pesquisa.

O conceito de retextualização

Primeiramente, antes de nos aprofundarmos sobre o processo de retextualização, faz-se necessário compreendermos as diferenças entre as expressões refacção, reescrita e o termo retextualização, as quais são, segundo Matencio (2002), geralmente utilizadas como equivalentes por alguns autores, o que seria um engano. Na reescrita ou refacção, atua-se sobre o mesmo texto, no entanto, na retextualização, passa-se de uma modalidade textual para outra, ou seja, retextualizar constitui-se um processo mais amplo de escrita se comparado às práticas supracitadas.

A retextualização é uma prática que, a nosso ver, deveria ser bastante difundida desde o ensino fundamental até o ensino médio, pois esta é de suma importância não apenas para o desenvolvimento do indivíduo como produtor textual, mas também como atuante social. Dell 'Isola (2007), importante pesquisadora da área de leitura e produção textual, conceitua a retextualização como um processo que envolve operações complexas, as quais interferem tanto no código como no sentido, contudo, a definição da autora evidencia o que dissemos anteriormente acerca da generalização dos termos refacção, reescrita e retextualização. Assim, Dell 'Isola (2007) define retextualização, como:

[...] refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem (DELL 'ISOLA, 2007, p. 36).

Para proporcionar maior entendimento acerca do que seria retextualização, Matencio (2002) distingue os processos de textualizar e retextualizar. Textualizar é agenciar recursos linguageiros e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua

vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos bases. O que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto base para então projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto, um enquadre novo e um novo quadro de referências.

A atividade de retextualização envolve, nessa perspectiva, tanto as relações entre gêneros textuais (o fenômeno da intertextualidade) como aquelas desempenhadas entre os discursos (a interdiscursividade). Matencio (2002) diz, ainda, que ensinar o aluno a produzir textos como a resenha, por exemplo, no âmbito acadêmico, é uma forma de inseri-lo no universo de produção de tais práticas, ou seja, é possibilitar que ele produza ajustes que considerem as regularidades linguísticas, textuais e discursivas dos gêneros. Dessa forma, consideramos necessário que o aluno tenha contato com o processo de retextualização desde o ensino fundamental e médio, de modo que este, ao ingressar no ensino superior, transforme uma modalidade textual em outra com mais facilidade, eficiência e rapidez.

O processo de retextualização permite a compreensão de que a língua é um produto histórico-social, proveniente do trabalho de seus falantes, os quais devem ser conduzidos a deter o entendimento da grande variedade de textos que produzem. Com a retextualização, é possível que o professor trabalhe com o aluno diversas modalidades textuais. Em função dessas possibilidades, a prática de retextualização não deve ser vista como algo restrito apenas às atividades escolares, ao contrário, ela deve ser percebida como um fato presente no dia a dia dos indivíduos. Assim, podemos citar como exemplos de gêneros textuais que podem ser retextualizados com grande frequência: uma reunião de condomínio, um debate político, dentre outros.

Como praticar a retextualização

Os gêneros textuais são “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos” (DELL’ISOLA, 2007, p. 17). Assim, os gêneros textuais servem às necessidades e aos propósitos comunicativos dos indivíduos que os utilizam. Desse modo, se um texto não é uma unidade auto-suficiente e autônoma em

si mesma, há sempre uma relação de interdependência de um texto em relação a outros já produzidos ou em processo de elaboração. É necessário enfatizar que o mesmo texto pode ser retextualizado por meio de diferentes gêneros textuais, sem nunca deixar de conter elementos de textos precedentes.

A prática de escrita de gêneros textuais orientada pela leitura e pelo desafio de transformar seu conteúdo em outro gênero, mantendo as informações principais, é algo produtivo. Para Hugo Mari (2004), qualquer indivíduo que possua certo nível de letramento é capaz de transitar entre diversos gêneros com sucesso e rapidez. Neste sentido, os alunos do ensino fundamental e médio deveriam ser levados a compreender a dinâmica social em que os gêneros textuais estão presentes, assim eles se sentiriam estimulados a estudar os gêneros textuais, desde um artigo de opinião a um poema, de forma espontânea.

Os textos circulam socialmente com suas finalidades definidas. Exemplos disso são os artigos de revistas, os quais buscam atingir um determinado público. Por isso, “[insistimos] aqui na relevância de que haja investimento em propostas de produção de textos de diferentes gêneros na escola” (DELL `ISOLA, 2007, p. 39), visto que a sociedade produz variados gêneros textuais que podem ser explorados em sala de aula. Assim, enfatizamos que os professores devem desprender-se do estudo dos textos que colocam em evidência somente a tipologia clássica (narração, dissertação e descrição).

Em seu cotidiano, o aluno tem contato com vários textos, assim, é papel da escola ensiná-lo a compreender em que consistem os gêneros textuais, sua diversidade e sua distinção, para que saibam aplicá-los no dia a dia, já que os textos favorecem a reflexão crítica, bem como as formas de pensamento mais elaboradas e também exercitam a imaginação do indivíduo. Dell `Isola (2007) afirma que os professores devem conduzir seus alunos a compreenderem os fatores que envolvem a sociedade por meio dos textos que ela produz e consome. Assim:

Os profissionais da linguagem precisam compreender e procurar explicar como se manifestam os diferentes gêneros textuais, a intertextualidade de gêneros e o hibridismo, evidenciando que, nos textos e através deles, os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam práticas sociais e a 'realidade social'. (DELL `ISOLA, 2007, p. 41).

Desta forma, acreditamos ser imperiosa a prática do processo

de retextualização nas escolas desde o ensino fundamental até o médio, para um melhor desempenho textual dos alunos. Tudo isso a fim de que, ao ingressarem na universidade, não tenham o início da vida acadêmica marcada por uma verdadeira miríade de conflitos de ordem linguística, textual e discursiva, tão comuns aos alunos que não dominam até mesmo as práticas textuais próprias de sua comunidade.

Procedimentos metodológicos

Vivenciamos uma pesquisa de natureza qualitativa, a qual, segundo Neves (1996), costuma ser direcionada ao longo de seu desenvolvimento; não busca medir ou enumerar eventos nem, tampouco, emprega instrumentos estatísticos para a análise dos dados, além de voltar-se para um foco de interesse amplo, contrapondo-se à perspectiva utilizada pelos métodos quantitativos.

Como *lócus* da pesquisa, elegemos duas escolas públicas, nas quais focamos o ensino médio e duas escolas particulares, de ensino fundamental. A referida pesquisa adotou como instrumentos para coleta de dados: as observações das aulas; as entrevistas com os professores; e a análise documental, a qual foi constituída pela verificação dos planos de ensino, dos conteúdos programáticos e do Projeto Político Pedagógico das escolas.

Das escolas

Realizamos a primeira pesquisa na escola denominada **E1**, localizada no município de Benevides, região metropolitana de Belém. A escola passava por uma reforma e possuía, naquele momento, quinze salas de aula; dois laboratórios; uma sala de vídeo; e uma biblioteca. Em termos de recursos humanos, contava com sessenta e três professores, dos quais seis ministravam a disciplina língua portuguesa; quatro coordenadores pedagógicos; e mil quinhentos e quarenta alunos. Nessa escola, observamos a turma do segundo ano do ensino médio, a qual era composta por trinta alunos.

A segunda pesquisa foi realizada na escola denominada **E2**, localizada no município de Santo Antônio do Tauá. A escola contava com doze salas de aula e era formada por um núcleo de quarenta

professores, dos quais cinco ministravam a disciplina língua portuguesa. Nessa escola, observamos a turma do primeiro ano do ensino médio, composta por trinta e dois alunos.

A terceira pesquisa foi realizada na escola denominada **E3**, localizada em Belém. A escola, além de ter à sua disposição setenta e dois professores, também contava, para os atendimentos pedagógicos, com coordenadores, inspetores e monitores. Nessa escola, observamos a turma do sétimo ano do ensino fundamental, a qual era composta por trinta e dois alunos.

A quarta pesquisa foi realizada na escola denominada **E4**, localizada no distrito de Mosqueiro. A escola era constituída por quarenta docentes; quatrocentos e vinte nove estudantes, os quais eram distribuídos em quinze turmas, do jardim II ao terceiro ano do ensino médio. Para auxílio aos professores nas atividades de leitura dos alunos, a escola dispunha de uma biblioteca. Nessa escola, observamos a turma do nono ano do ensino fundamental, composta por trinta alunos.

Dos sujeitos

Para investigar acerca do processo de retextualização, em sala de aula, elegemos quatro professores de língua portuguesa e estabelecemos como exigência que dois professores da rede pública ministrassem aula para o ensino médio e outros dois, pertencentes à rede privada, ministrassem para o ensino fundamental.

Com a finalidade de garantir o anonimato dos quatro professores selecionados para a pesquisa e criar efeitos de sistematização, codificamos seus nomes, os quais foram enumerados em ordem crescente: **P1**, **P2**, **P3** e **P4**. Na tabela abaixo, constam informações sobre os professores:

Tabela 1: Informações Sobre os Professores

Professor	Formação / Instituição	Magistério	Turmas	Especialização	Escola
P1	Letras-Língua Portuguesa/ Universidade Federal do Pará	6 anos	7	Análise Literária	E1
P2	Letras-Língua Portuguesa/ Universidade do Federal do Pará	9 anos	13	-	E2
P3	Letras-Língua Portuguesa/ Universidade Federal do Pará	12 anos	7	-	E3
P4	Letras-Língua Portuguesa/ Instituto Federal do Pará	3 anos	5	Produção Textual	E4

Das observações

Nesta seção, descreveremos as observações às aulas dos quatro professores selecionados para a pesquisa. O aspecto analisado consiste em verificar se o professor trabalha a retextualização em suas aulas.

Iniciamos a pesquisa na escola E1, na turma do segundo ano do ensino médio. O professor P1 nos aguardava na sala dos professores e os alunos encontravam-se fora da sala de aula, produzindo uma redação, posto que a sala estava muito quente e não havia condições de se permanecer naquele ambiente. Assim, observamos que o referido professor fez uso do processo de retextualização em suas aulas, pois ele nos relatou que a redação, a qual os alunos estavam produzindo, era baseada em um texto narrativo que ele havia abordado em sala de aula anteriormente, demonstrando a terceira possibilidade de retextualização mencionada por Marcuschi (2008), a da escrita para a escrita.

A segunda pesquisa foi realizada na escola E2, onde observamos a aula do professor P2, na turma do primeiro ano do ensino médio, o qual ministrou o assunto "Homônimos". Ao término da aula, o professor P2 pediu que os alunos estudassem o assunto que estava no livro

didático, pois haveria um trabalho de exposição oral daquele conteúdo, ou seja, ocorreria a quarta possibilidade de retextualização citada por Marcuschi (2008): a transformação da escrita para a oralidade. Assim, compreendemos que o professor P2 ensinou gramática aos seus alunos e utilizou o processo de retextualização quando pediu para que estes apresentassem um seminário acerca do assunto discutido em sala de aula.

A escola E3 foi a terceira instituição pesquisada, na qual assistimos a aula do professor P3, na turma do sétimo ano do ensino fundamental. O professor ministrou uma revisão sobre a passagem da voz ativa para a passiva. Os discentes interagiram bastante entre si e com o professor P3, para responder às perguntas do material didático utilizado na aula. O professor P3 explicava palavras do texto cujo significado os alunos não sabiam. A partir desses dados, entendemos que o professor P3 fez uso do processo de retextualização, pois trabalhou um texto didático retirado do livro de seus alunos, fazendo uso da quarta possibilidade de retextualização mencionada por Marcuschi (2008), da escrita para a oralidade.

A escola E4 foi a última instituição pesquisada, na qual observamos a aula do professor P4 em uma turma do 9º ano do ensino fundamental. Ao iniciar a aula, o professor P4 apresentou seu projeto, denominado "Um livro em um mês". O projeto exige que os alunos leiam um livro de sua escolha e, ao término do período de trinta dias, apresentem oralmente o conteúdo que compõe o livro. Desse modo, entendemos que este projeto dialoga com a tese de Marcuschi (2008), quando aponta para a transformação da modalidade escrita para a oral, fato que caracteriza a quarta possibilidade de retextualização explicada pelo autor. A partir da atividade proposta pelo professor aos seus alunos, podemos inferir que o professor P4 utilizou o processo de retextualização em sua aula.

Das entrevistas

Nesta seção, elegemos três perguntas abertas, retiradas de um questionário que continha 10, haja vista que são as mais importantes para atingir o nosso objetivo geral, citado no início deste trabalho. As respostas destas perguntas foram dadas pelos professores durante as

entrevistas. Na tabela 2, constam as perguntas e, nas tabelas 3, 4 e 5, aparecem as respostas obtidas:

Tabela 2: Quadro de Perguntas

Número	Perguntas destinadas aos professores
01	Você sabe o que é retextualização? Explique ou exemplifique.
02	Na sua opinião, qual a importância que o processo de retextualização tem para os alunos?
03	Você ensina tal processo em sala de aula?

Tabela 3: Respostas para a primeira pergunta

Professor	Resposta à pergunta 01
P1	"Sim, pelas teorias de Marcuschi, é um processo pelo qual podemos reler ou fazer releituras pessoais desse processo de construção escrita".
P2	"Não".
P3	O professor não respondeu à pergunta.
P4	"Sim, transformar textos de uma modalidade para outra".

Tabela 4: Respostas para a segunda pergunta

Professor	Resposta à pergunta 02
P1	"Tem importância, pois possibilita ao aluno ou ao estudante a possibilidade de estabelecer um relacionamento mais estreito com o processo da leitura, que, assim, norteará o processo da escrita".
P2	"Não sei".
P3	O professor não respondeu à pergunta.
P4	"É importante, pois eles não irão sentir dificuldades em produzir textos".

Tabela 5: Respostas para a terceira pergunta

Professor	Resposta à pergunta 03
P1	"De uma forma mais simples, porém embasada na teoria de Marcuschi".
P2	"Não".
P3	O professor não respondeu à pergunta.
P4	"Sim, porém não com o termo retextualização, apenas produção textual com base em outros textos".

A partir das três perguntas relacionadas ao nosso objetivo geral, fizemos as análises das respostas fornecidas pelos professores. Assim, entendemos que os professores P1 e P4 responderam com clareza e coerência a todas as perguntas, demonstrando conhecimento teórico

sobre o que é retextualização e a sua importância para a produção textual dos alunos. No entanto, os professores P2 e P3 não responderam a nenhuma das perguntas mostradas no quadro acima, afirmando desconhecer o termo retextualização.

A partir da coleta de dados, isto é, das observações e das entrevistas, percebemos que os professores P1 e P4 conhecem e praticam, de maneira consciente e planejada, o processo de retextualização em sala de aula. Já os professores P2 e P3, mesmo desconhecendo o termo retextualização, o praticam de forma inconsciente em sala de aula.

Da análise documental

Nesta seção, descreveremos os dados da análise documental obtidos nas quatro escolas selecionadas para a pesquisa, a fim de atingir o nosso segundo objetivo específico – analisar se o conteúdo programático e o Projeto Político Pedagógico das escolas privilegiam o processo de retextualização. A análise documental constituiu-se pela verificação dos planos de ensino/aula, conteúdos programáticos e o Projeto Político Pedagógico. Na tabela abaixo, constam as informações obtidas por meio da verificação documental:

Tabela 6: Coleta dos Dados Documentais

Escola	Professor	Planos de ensino/ aula	Conteúdos programáticos	Projeto Político Pedagógico
E1	P1	-	-	Em reforma
E2	P2	-	Possui	Em reforma
E3	P3	-	-	Possui
E4	P4	-	Possui	Possui

A análise documental da escola E1 não foi realizada com êxito, pois o professor P1 alegou não utilizar plano de aula, a escola não possuía conteúdo programático e o seu Projeto Político Pedagógico encontrava-se em processo de reformulação, estava inacabado e, por isso, não tivemos acesso a ele.

Quanto à análise documental da escola E2, o professor P2 afirmou não utilizar plano de aula e o coordenador da escola nos forneceu o conteúdo programático da turma do primeiro ano do ensino médio, o qual tinha como tópicos, no âmbito do conteúdo, "Leitura e

produção de textos” e “Gêneros textuais”, e, no âmbito dos objetivos, “Produzir textos de diversos gêneros” e “Compreender e interpretar textos”. Além disso, ele nos forneceu o Projeto Político Pedagógico que estava em processo de atualização e continha apenas um projeto, o qual dava ênfase à formação de leitores no ensino médio. Assim, entendemos que o conteúdo programático da escola E2 – referente à classe observada – traz atividades de retextualização implicitamente e, conseqüentemente, estimula o indivíduo produtor de textos, enquanto o Projeto Político Pedagógico tem como foco a conquista da proficiência na leitura.

Na análise documental da escola E3, o professor P3 afirmou não utilizar plano de aula. O conteúdo programático da escola não nos foi fornecido e seu Projeto Político Pedagógico está voltado para o ensino da gramática e da produção textual, nada muito específico que nos forneça indícios de que há a aplicação e o ensino do processo de retextualização na escola, particularmente na classe pesquisada.

Com base ainda na coleta de dados, enfatizamos que a prática de retextualização está presente na escola E4 de maneira consciente e planejada, haja vista que identificamos no conteúdo programático e no Projeto Político Pedagógico da referida escola, na unidade destinada à produção textual, objetivos direcionados à transformação de uma modalidade textual em outra. No entanto, não conseguimos verificar o plano de aula, pois o professor afirmou não o utilizar.

Considerações finais

Ao iniciarmos este trabalho, buscamos investigar as práticas de retextualização, em quatro escolas do estado do Pará, desempenhadas por quatro professores, dois pertencentes à rede pública, na qual enfatizamos o ensino médio e dois oriundos da rede particular, na qual focamos o ensino fundamental. Os resultados das observações das aulas, das entrevistas e da análise documental, inseridos no presente artigo, confirmam as dificuldades já apontadas por Andrade e Silva (s/d), Dell `Isola (2007), Marcuschi (2008) e Matencio (2002) no tocante às práticas de retextualização mencionadas acima, tais como: a ausência de investimento em propostas de produção de textos de diferentes gêneros nas escolas e a falta de interesse e até desconhecimento do professor em estimular o aluno a compreender a dinâmica social em

que os gêneros textuais estão inseridos.

Por meio desta pesquisa, compreendemos que muitos professores conhecem o processo de retextualização e o utilizam de maneira consciente e planejada em sala aula em detrimento de outros que não o conhecem e fazem seu uso inconscientemente. Assim sendo, é necessário que haja investimento em propostas eficazes de leitura e de produção de textos de diferentes gêneros dentro do âmbito escolar, pois, em muitos casos, tais propostas existem na teoria, mas não na prática.

Desta forma, concluímos que o tema retextualização ainda é desconhecido por muitos professores de língua portuguesa, haja vista que dois dos quatro professores entrevistados – P2 e P3 – não souberam identificar o processo, alegando ser um tema novo. Além do mais, constatamos que todos os professores analisados não possuíam plano de aula, dois deles não tinham conteúdo programático e o Projeto Político Pedagógico era ignorado. Esses resultados nos permitem inferir que são necessárias medidas que estimulem e capacitem o professor a trabalhar o tema retextualização, de modo a fazer parte das interações que se travam pelo uso dos gêneros textuais na sociedade. Cabe, portanto, buscar ampliação de seus conhecimentos por meio de formação continuada e mesmo da leitura de autores que tratem, de forma efetiva, do tema retextualização.

Referências

ANDRADE, J. P. S.; SILVA, W. M. **Retextualização e práticas de letramento na produção de resumos acadêmicos**. Disponível em: <www.gelne.org.br/...755_comunicacao>. Acesso em: 18 set. 2014.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARI, H.; SILVEIRA, J. C. C. Sobre a importância dos gêneros discursivos. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.) **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de (re) textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.6, n.11, p. 109-122, 2º sem. 2002. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas/Scripta/Scripta11/Conteudo/N11_Parte01_art08.pdf>. Acesso em: 30 out. 2014.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa-características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, São Paulo, v.1, n.3, p. 01-05, 2º sem. 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2014.

Recebido em: 30 de jun. de 2015.

Aceito em: 13 de nov. de 2015.